

Coutinho quer priorizar o setor agrícola para aliviar pressões sociais

por Cleide Castro
de Brasília

O novo presidente do Banco do Brasil, Lafaiete Coutinho, tomou posse ontem numa concorrida solenidade onde não faltaram governadores da região Norte/Nordeste, dezenas de parlamentares, empresários e Leopoldo Collor, irmão do presidente da República.

Coutinho assumiu o cargo prometendo prioridade para o setor agrícola. Segundo ele, "encontra-se no fomento à agricultura a chave para a equação entre a retomada do desenvolvimento sem inflação. Através da agricultura aliviaremos as pressões sociais nos grandes centros urbanos, estimularemos o setor industrial, sem afetar a política econômica do governo", justificou Coutinho, dizendo-se convencido de que "será a partir da terra, do interior, que retomaremos o desenvolvimento do País".

Ao contrário do ex-presidente da instituição, Alberto Policaro, que chegou a enfrentar alguns atritos com parlamentares, Coutinho sinalizou em seu discurso de posse que se inicia um novo momento nas relações do Banco do Brasil com a classe política. "Sem o Congresso Nacional, sem o aconselhamento dos parlamentares, o homem público isola-se, transforma-se num autoritário dirigente de gabinete", afirmou o novo titular do banco, ao prestar uma "homenagem aos políticos brasileiros". Coutinho creditou a eles "grande parte" do trabalho realizado durante os 14 meses que ocupou a presidência da Caixa Econômica Federal.

Os governadores que estiveram presentes na solenidade não escondiam a satisfação com as mudanças na equipe econômica e vis-

lumbram um novo tempo em suas relações com o governo. "Mudou o humor nacional", sintetizou o governador de Pernambuco, Joaquim Francisco, que vê alteração na economia, "haverá mudança na política econômica. Vamos partir para o desenvolvimento", analisa ele ao comentar que agora espera que os recursos para os projetos estaduais comecem a ser liberados, relata o repórter Carlos Raíces.

O governador do Pará, Jader Barbalho, segue pela mesma trilha de análise. "É preferível conviver com taxas de inflação mais ou menos altas do que deixar a recessão se instalar no País", comentava Barbalho durante a posse do presidente do Banco do Brasil. O governador de Goiás, Iris Rezende, também reforçou essa tese afirmando que "Medidas de contenção de gastos ameaçam frear o desenvolvimento".

Antonio Carlos Magalhães, governador da Bahia, que também esteve presente à posse de Lafaiete Coutinho, acredita que a reforma ministerial permitirá um maior diálogo entre União e governos estaduais. "Sem diálogo não é possível uma boa política econômica", disse ele, que acredita que, basicamente, a política econômica do presidente da República não muda.

O ex-presidente do Banco do Brasil, Alberto Policaro, em seu discurso de despedida disse que teve de "suportar as mais extravagantes reivindicações", partidas de fora da instituição. "Algumas legítimas, como as relacionadas com financiamentos a produtores, outras, porém, derivadas de interesses puramente fisiológicos a par de ostensivas interferências na defesa de causas particulares de interesse duvidoso."